



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico  
**Evento:** 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

## **CONDIÇÕES DE TRABALHO, DOR MUSCULOESQUELÉTICA E ÍNDICE DE CAPACIDADE PARA O TRABALHO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM<sup>1</sup>**

**Ana Claudia Soares De Lima<sup>2</sup>, Tânia Bosi De Souza Magnago<sup>3</sup>, Andrea Prochnow<sup>4</sup>,  
Camila Amthauer<sup>5</sup>.**

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de Curso para obtenção do grau de Enfermeiro da UFSM

<sup>2</sup> Autora/Relatora. Enfermeira. Membro do grupo de pesquisa Trabalho, Educação, Saúde e Enfermagem.

<sup>3</sup> Professora orientadora. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFSM.

<sup>4</sup> Enfermeira. Mestranda em Enfermagem do programa de pós-graduação em Enfermagem da UFSM.

<sup>5</sup> Enfermeira

### **Resumo**

As condições de trabalho influenciam na saúde dos trabalhadores, quando inadequadas pode levá-los a adoecimentos, redução da capacidade laboral e afastamentos. Identificaremos o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) dos trabalhadores de enfermagem do HUSM e verificar a relação entre ICT e características individuais, laborais e de dor musculoesquelética dos trabalhadores. Estudo seccional descritivo, com 498 trabalhadores, utilizando um questionário contendo questões referentes ao ICT. A avaliação do ICT indicou que 43,3% dos trabalhadores possuem baixa/moderada capacidade para o trabalho e 56,7% para boa/ótima capacidade. Do total de trabalhadores com reduzida capacidade para o trabalho, 59,8% referiram dor musculoesquelética de intensidade forte a insuportável. Mesmo após ajustes pelos potenciais fatores de confundimento, as chances dos trabalhadores que referiram dor de intensidade forte a insuportável serem classificados com redução da capacidade para o trabalho permaneceram, constatando-se assim, uma associação positiva.

**Palavras-chave:** Enfermagem, saúde do trabalhador, avaliação da capacidade para o trabalho, condições de trabalho.

### **Introdução**

O seguinte trabalho faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso, acerca da identificação da relação entre as condições laborais, a dor musculoesquelética e o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) dos trabalhadores de enfermagem do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), da Universidade Federal de Santa Maria.

Dejours (1992), afirma que o sofrimento dos trabalhadores pode ser manifestado por meio de dois sintomas: a insatisfação e a ansiedade, as quais podem estar vinculadas às condições de trabalho (ambiente físico, químico, biológico, condições materiais e de segurança) e à organização do trabalho (divisão do trabalho, das tarefas, habilidade de cuidar de pacientes graves, relacionamento interpessoal).

A enfermagem sofre muita influência das condições de trabalho, destacando-se o ambiente (distância de materiais, posições e altura dos móveis, posições para realizações de





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

procedimentos, entre outras), a alta demanda principalmente em hospitais de grande porte, o pouco tempo para atendimentos de emergência, o déficit de pessoal e o estresse no ambiente de trabalho.

Os trabalhadores da área hospitalar têm como rotina cuidar de pessoas doentes, mais ou menos graves, com possibilidades ou não de reabilitação. O serviço de enfermagem deve prover cuidados contínuos aos clientes que procuram os serviços de assistência à saúde, no desenvolvimento de atividades, muitas vezes, de grande complexidade, o que pode ocasionar ansiedade e de adoecimento. As condições de trabalho, quando inadequadas, afetam diretamente a saúde dos trabalhadores, causando desgaste físico, emocional e sofrimento. Esse desgaste pode afetar a capacidade para o trabalho dos trabalhadores. Por capacidade para o trabalho entende-se como “o quão bem está ou estará um trabalhador presentemente ou num futuro próximo, e quão capaz ele pode executar seu trabalho, em função das exigências de seu estado de saúde e capacidades físicas e mentais” (TUOMI et al, 1997, p.9).

Segundo os estudos de Andrade e Monteiro (2007); Duran e Cocco (2004); Raffone e Hennington (2005) e Bellusci e Fischer (1999) as doenças musculoesqueléticas tem sido os diagnósticos médicos mais frequentes entre as populações estudadas.

Em estudo sobre a avaliação dos aspectos psicossociais do trabalho, Magnago (2008), assinala que dos relatos de dor por região anatômica evidencia uma situação preocupante, principalmente por que a dor ou desconforto referidos podem estar sinalizando para a ocorrência de DORT. Os percentuais evidenciados apontam o quadro algíco dos trabalhadores de enfermagem do HUSM: lombar (71,5%), pescoço (68%), ombros (62,3%), pernas (54,6%), coluna torácica (47,3), joelhos (38,3%), pulsos e mãos (35,4%) e tornozelos (30,1%). É importante ressaltar que a coluna lombar obteve percentuais expressivos para dor nos últimos sete dias (56,4%) e para a dor ter atrapalhado nas atividades fora do trabalho (60,4%).

No contexto do adoecimento dos trabalhadores de enfermagem, os distúrbios musculoesqueléticos são um dos que mais afetam esses trabalhadores e que contribuem para reduzir o ICT.

A avaliação do ICT torna-se relevante tendo em vista que fornece subsídios para a implementação de medidas de promoção à saúde, de prevenção a agravos, de forma a atuar no ambiente laboral em que o trabalhador está inserido.

## Metodologia

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o banco de dados da pesquisa intitulada “Capacidade funcional dos trabalhadores de enfermagem com DORT/LER”, realizada em 2009, de autoria e coordenação da Professora Tânia Solange Bosi de Souza Magnago. A coleta ocorreu no período de setembro a dezembro de 2009, durante os turnos de trabalho (manhã, tarde e noite) da equipe de enfermagem. Participaram da coleta, 22 entrevistadores (acadêmicos de enfermagem e enfermeiros do HUSM), previamente capacitados pela coordenadora do projeto.

Trata-se de um estudo epidemiológico transversal e descritivo que percorre a trajetória da pesquisa quantitativa.



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

A população de estudo foram os trabalhadores de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) do Hospital Universitário de Santa Maria que participaram da coleta de dados da pesquisa em 2009.

**Crterios de exclusão:** os trabalhadores de enfermagem atuantes em outras unidades (fora do HUSM), os que estavam em licença ou afastamento do trabalho durante o período de coleta e os em férias.

O cenário do estudo foi o Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), um hospital universitário, de grande porte e de referência terciária. Atende usuários da cidade de Santa Maria e de outras regiões do Estado. Presta serviços assistenciais em várias especialidades médicas e desempenha a função de capacitação e qualificação para alunos de graduação e de pós-graduação.

Os dados foram digitados em uma planilha eletrônica, utilizando-se o programa Epiinfo®, versão 6.4, mediante a dupla digitação independente e verificação de erros e inconsistências. A análise dos dados foi realizada no programa PASW Statistics (Predictive Analytics Software, da SPSS Inc., Chicago - USA) versão 18.0 for Windows.

Inicialmente, foi realizada uma análise descritiva das variáveis, examinando as medidas de tendência central e as proporções. Posteriormente, realizou-se análise bivariada, testando a associação entre o ICT (variável dependente) e as variáveis independentes (variáveis sociodemográficas e laborais e escala de dor musculoesquelética), mediante o Teste do Qui-quadrado ou Exato de Fisher (para tabelas com 5 ou mais células), adotando-se níveis de significância de 5% ( $p < 0,05$ ).

Por fim, foi realizada uma análise multivariável ajustada por fatores de confundimento (variáveis que estiveram associadas tanto ao desfecho quanto a exposição a um nível de significância de 25%) entre exposição (variáveis independentes) e desfecho (ICT).

## Resultados e Discussão

Do total da população (592), 498 responderam ao instrumento (84%). As perdas (16%; N=94) resultaram de recusas à participação.

Observou-se a predominância de mulheres (87,8%), faixa etária entre 37 a 69 anos (65,2%), de raça branca (85,3%) e com curso técnico em enfermagem completo (36,1%). Estes resultados são compatíveis com outros estudos como o de Monteiro et al (2006), de Duran e Cocco (2004) e o de Gil (2005), que revelaram uma tendência à feminilização das profissões no mercado de trabalho em saúde.

Salienta-se que 23,5% dos trabalhadores de enfermagem possuem pós-graduação. Neste sentido, Cruz et al (2005) assinala a enfermagem como uma profissão em ascensão em que o desenvolvimento da pesquisa está relacionado a um espaço social e físico, do qual é parte indissociável. A busca da educação permanente entre os profissionais é crescente a cada dia, assim como o apoio das instituições para que os trabalhadores se aperfeiçoem e se atualizem. Cabe destacar que o HUSM possui tanto um Núcleo de Educação Permanente em Enfermagem (NEPE) que frequentemente promove eventos, cursos e capacitações com assuntos variados, quanto um plano de carreira que prevê acréscimo salarial aos profissionais que possuem pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado).



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Quanto a idade dos trabalhadores, a média foi 41,3anos ( $\pm 8,9$ ), a idade mínima foi 24 e a máxima 69 anos. Destaca-se que a idade que mais se repetiu foi 47 anos e, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (1994), o trabalhador com 45 anos de idade ou mais está em fase de envelhecimento. A partir dessa idade, as perdas de algumas capacidades funcionais tendem a se acentuar caso medidas preventivas não sejam adotadas, bem como se as condições de trabalho não forem adequadas.

No que tange à saúde, avaliou-se o Índice de Massa Corpórea (IMC), o uso de tabaco e de medicações e doenças diagnosticadas. Quanto ao IMC, evidenciou-se que 47,7% dos trabalhadores de enfermagem apresentam IMC normal e 52,3% estão em sobrepeso ou obesidade. Esse dado fornece subsídios para que sejam adotadas algumas estratégias de orientação para controle e redução do peso.

Quanto ao uso de tabaco, 73,5% não fazem. Dos trabalhadores que fumavam, avaliou-se também a quantidade de cigarros fumados por dia, identificando-se uma média de uso de 10,7 cigarros/dia ( $\pm 8,28$ ). Pesquisa realizada por Magnago (2008) com os trabalhadores do HUSM, evidenciou que apesar da minoria ser fumante, esse foi o grupo que mais relatou dor e desconforto musculoesquelético ( $p < 0,05$ ).

No que se refere ao uso de medicação, 73,2% fazem uso de algum tipo de medicação. Quando questionados sobre a indicação, 36,4% referiram que fazem uso de medicação por conta própria. Embora haja, no Brasil, regulamentação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para a venda e propaganda de medicamentos que possam ser adquiridos sem prescrição médica, não há regulamentação nem orientação para aqueles que os utilizam. O fato de se poder adquirir um medicamento sem prescrição não permite o indivíduo fazer uso indevido do mesmo, isto é, usá-lo por indicação própria, na dose que lhe convém e na hora que achar conveniente. Dados europeus indicam que, em média, 5,6 pessoas por farmácia e por semana fazem uso indevido de algum tipo de medicamento.

Das doenças referidas pelos trabalhadores de enfermagem como diagnosticadas pelo médico, destacam-se as de origem musculoesquelética, principalmente dor nas costas (27,5%) e dor no pescoço (22,9%); as de origem respiratória como infecções repetidas (26,4) e sinusite (21%); varizes (30,2%); distúrbio emocional leve (28%) e hipertensão arterial sistêmica (16,1%). Dentre as referidas como “minha opinião”, observam-se também maiores percentuais nas de origem musculoesquelética, nos distúrbios emocionais leve (33%) e varizes (33,4%) além de obesidade (17,6), diminuição da audição (13,9%) e gastrite (11,3%).

Em estudo com trabalhadores da Finlândia (Seitsamo e Klockars, 1997), foi evidenciado maior prevalência de doenças musculoesqueléticas, cardiovasculares, respiratórias e mentais. Já em estudos nacionais (Duran e Cocco, 2004; Bellusci e Fischer, 1999), nota-se que os diagnósticos mais relatados foram os de varizes e distúrbios emocionais. Os autores relacionaram esses acometimentos aos turnos de trabalhos com carga horária pesada tanto fisicamente quanto emocionalmente.

Em relação à perda de capacidade para o trabalho em função de doença ou lesão 38,8% dos trabalhadores responderam que tinham, por algumas vezes, precisado diminuir o ritmo de trabalho ou mudar seus métodos, seguido por 28,8% daqueles que não tinham impedimentos e por 24,5% que eram capazes de fazer seu trabalho, mesmo apresentando alguns sintomas.





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Raffone e Hennington (2005) verificaram alta prevalência de doenças musculoesqueléticas no grupo com reduzida capacidade para o trabalho. As pessoas com distúrbios musculoesqueléticos sofrem em sua rotina diária de trabalho devido ao desconforto e a dor que são causados em determinados procedimentos. Esses sintomas podem ser uma das causas para a diminuição no ritmo de trabalho.

Neste estudo, ao ser avaliada a intensidade de dor ou desconforto musculoesquelético, 8,6% não referiram dor nos últimos sete dias anterior a entrevista; 11,6% apresentaram dor de fraca intensidade, 35,7% dor moderada, 39% dor forte e 5,1% dor insuportável. Os enfermeiros relataram dor musculoesquelética de intensidade fraca a moderada e os técnicos/auxiliares intensidade de forte a insuportável.

A avaliação do Índice de Capacidade para o Trabalho indicou que 43,3% dos trabalhadores de enfermagem do HUSM estão com baixa/moderada capacidade para o trabalho e 56,7% com boa/ótima capacidade. Ao ser avaliada a capacidade para o trabalho dos trabalhadores de acordo com as variáveis sociodemográficas, foi evidenciado diferença significativa para sexo e faixa etária. Os trabalhadores do sexo masculino e os da faixa etária de 24 a 36 anos foram classificados com os maiores percentuais para boa/ótima capacidade para o trabalho, enquanto que as mulheres e os trabalhadores da faixa etária entre 47 a 69 anos maiores percentuais para reduzida capacidade para o trabalho, mostrando diferença significativa entre os grupos.

Do total de trabalhadores de enfermagem com reduzida capacidade para o trabalho (N=216), 59,8% referiram dor musculoesquelética de intensidade forte a insuportável. Em contrapartida, 76,7% dos trabalhadores classificados com boa/ótima capacidade para o trabalho referiram ausência de dor, evidenciando haver diferença entre os grupos. Mesmo após ajustes pelos potenciais fatores de confundimento (sexo, idade, função e tempo de trabalho na função, as chances dos trabalhadores de enfermagem que referiram dor musculoesquelética de intensidade forte a insuportável serem classificados no grupo com redução da capacidade para o trabalho permaneceram (OR=4,22; IC 95%= 1,94 – 9,17).

Constata-se associação positiva entre dor musculoesquelética de intensidade forte a insuportável e redução da capacidade para o trabalho nos trabalhadores de enfermagem do Hospital Universitário de Santa Maria. O que demonstra a necessidade de se adequar as condições de trabalho para a diminuição da dor, promovendo assim medidas que elevem a capacidade para o trabalho dessa população.

Ainda, avaliou-se a necessidade de afastamento do trabalho por motivo de saúde, 52,6% dos trabalhadores referiram que não foi necessário nenhum dia de afastamento do trabalho e 25,1% precisaram ficar afastados até nove dias do trabalho.

## Conclusões

No cotidiano da enfermagem algumas atividades provocam desgaste físico e ergonômico, como transporte e movimentação de pacientes e de equipamentos e longa permanência de pé durante a assistência, postura corporal incorreta e inadequação do espaço físico e mobiliário. Essas são algumas situações que podem contribuir para o adoecimento lento e gradativo do trabalhador. Geralmente, o adoecimento dos trabalhadores resulta em um



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

elevado nível de absenteísmo, sobrecarregando ainda mais a equipe que permanece no ambiente laboral.

A dor e o desconforto musculoesquelético são exemplos das consequências das cargas excessivas de trabalho e de condições inadequadas, pois são sintomas que podem estar relacionados ao tipo de ocupação/função profissional e ao ambiente de trabalho (condições do ambiente de trabalho, materiais, procedimentos).

Os resultados deste estudo indicam a necessidade, por parte da instituição, de empregar a reavaliação periódica das condições de saúde e da capacidade para o trabalho dos trabalhadores. A observação de queda na capacidade para o trabalho indica a necessidade de reavaliação e a melhoria constante das condições de trabalho.

Neste sentido, o ICT tem se mostrado como uma importante ferramenta para a adoção de medidas que promovam mais saúde e menos adoecimento no trabalho.

#### Referências

- ANDRADE, C. B.; MONTEIRO, M. I. Envelhecimento e capacidade para o trabalho dos trabalhadores de higiene e limpeza hospitalar. Rev. Esc. Enf. USP. 2007;41(2):237-44.
- BELLUSCI, S. M; FISCHER, F. M. Envelhecimento funcional e condições de trabalho em servidores forenses. Rev Saúde Pública, 33 (6):602-9, 1999.
- CRUZ, E. A. et al. Abordagem ética em pesquisas publicadas por um programa de pós-graduação em enfermagem. Texto e Contexto – Enf., Florianópolis, v. 14, n. 1, 2005.
- DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992. 168p.
- DURAN, E. C. M; COCCO, M. I. M. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.12 no.1 Ribeirão Preto Jan./Feb. 2004.
- GIL, C. R. R. Formação de recursos humanos em saúde da família: paradoxos e perspectivas. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 21, n.2, p. 490-498, 2005.
- MAGNAGO T. S. B. S. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbio musculoesquelético em trabalhadores de enfermagem. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Global strategy on occupational health for all: the way to health at work. Recommendation of the second meeting of the WHO Collaborating Centres in Occupational Health, Beijing, China. 1994.
- RAFFONE, A. M.; HENNINGTON, E. A. Avaliação da capacidade funcional dos trabalhadores de enfermagem. Revista de Saúde Pública 2005; 39(4):669-76.
- SEITSAMO, J., KLOCKARS, M. Aging and changes in health. Scand J Work Environ Health 1997; 23(Suppl 1):27-35.